

Extensão Universitária no Ensino a Distância: Integração, Desafios e Impacto Social

University Extension in Distance Learning: Integration, Challenges, and Social Impact

Nathalie Barbosa Reis MONTEIRO*

Natacha BERTOIA

Claudia Fernanda Franceschi KLEMENT

Karen Perrotta Lopes de Almeida PRADO

Alessandra Zago DAHMER

Miriam RODRIGUES

¹Universidade Presbiteriana Mackenzie

*nathalie.monteiro@mackenzie.br

Resumo. O artigo analisa a prática da extensão universitária no EaD, destacando seu papel no diálogo entre a universidade e a sociedade. A curricularização da extensão determina que 10% da carga horária dos cursos de graduação seja destinada a essas atividades, visando superar práticas pontuais e promover uma inserção social crítica. O estudo mapeia tendências e desafios no contexto brasileiro e internacional. Os resultados indicam que a extensão no EaD aproxima a universidade da comunidade, favorece a aplicação contextualizada do conhecimento e amplia a formação dos estudantes. Para consolidar essa prática como ferramenta transformadora, são essenciais políticas públicas e metodologias inovadoras que alinhem a formação acadêmica às demandas sociais. A principal contribuição do artigo é a sistematização de dados recentes, antes dispersos, sobre o EaD no Brasil e no exterior. As informações foram articuladas de forma clara e integrada em um único documento analítico, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre os processos de extensão universitária nessa modalidade de ensino.

Palavras-chave: Curricularização da extensão. Educação a distância. Impacto social.

Abstract. *The article analyzes the practice of university extension in Distance Learning (DL), highlighting its role in the dialogue between the university and society. The curricularization of extension mandates that 10% of the total workload of undergraduate courses be allocated to these activities, aiming to overcome fragmented practices and promote critical social engagement. The study maps trends and challenges in the Brazilian and international contexts.*

The results indicate that extension activities in DL bring the university closer to the community, foster the contextualized application of knowledge, and broaden student training in both theoretical and practical dimensions. To consolidate this practice as a transformative tool, public policies and innovative methodologies that align academic training with societal demands are essential. The article's main contribution is the systematization of recent, previously scattered data on DL in Brazil and abroad. The information has been clearly articulated and integrated into a single analytical document, offering a comprehensive perspective on university extension processes in this teaching modality.

Keywords: *University extension. Distance education. Social impact.*

Recebido: 20/10/2025

Aceito: 27/03/2026

Publicado: 09/04/2026

Editores Responsáveis: Daniel Salvador/ Carmelita Portela/ Daniela Samira

1. Introdução

As ações extensionistas reforçam o papel social da universidade, estabelecendo uma relação dialógica e transformadora entre a academia e a sociedade. Ducatti e Cazane (2024) destacam que a curricularização da extensão permite uma integração legítima entre universidades e comunidades. Esse processo foi regulamentado pela Resolução CNE/CES nº 7 de 2018 (Brasil, 2018), que promove a extensão como prática pedagógica transformadora. Esse marco legal tem impulsionado o debate sobre a natureza da extensão universitária, resultando em diferentes práticas extensionistas (Almeida; Corradi; Moreira, 2020).

No campo da gestão, Telles (2023) aponta que o ensino ainda é tradicional, com foco em habilidades técnicas, o que evidencia a necessidade de repensar metodologias e integrar práticas extensionistas. No contexto da formação profissional, é relevante analisar essa integração, que promove transformações no processo educativo (Ducatti; Cazane, 2024). Estudos mostram que projetos extensionistas na modalidade EaD são promissores. Imperatore (2020) destaca que eles conectam a aprendizagem às demandas regionais, fortalecendo a formação profissional. O crescimento do EaD no Brasil reforça essa tendência. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP (Ministério da Educação, 2024), em 2023 houve mais de 3,31 milhões de ingressantes no ensino superior, dos quais 66,4% em cursos EaD.

A extensão promove a interação dialógica entre as IES e a sociedade, articulando conhecimento, ensino e pesquisa (Brasil, 2018). A consolidação dessa prática é impulsionada pelo Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024) e pela Resolução do MEC nº 7/2018. Segundo Volante e Andrade (2024), essas normas visam superar a visão assistencialista da extensão, substituindo-a por uma perspectiva emancipatória, à medida que as IES adaptem seus Projetos Pedagógicos para implementar ações que promovam interação dialógica, formação cidadã, transformação social e a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.

A cultura digital transformou o modo como a extensão é realizada, trazendo novas possibilidades para práticas pedagógicas inovadoras. É importante destacar que a resolução CNE 04/2024 (Brasil 2024) traz a imposição de que a extensão nas licenciaturas EaD seja presencial. No entanto, a adoção das TDICs é um elemento central para o sucesso dessas ações (Casagrande, 2020). Oliveira *et al.* (2024) corroboram essa visão ao destacar a importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), que facilitam a realização de palestras, cursos e atividades. Para Casagrande (2020), a extensão no EaD é uma oportunidade de socialização e uma ferramenta para o desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas e deve ser adaptada para considerar as particularidades das regiões e dos alunos, gerando um impacto mais duradouro e significativo. Dessa forma, a inserção da extensão universitária na cultura digital configura-se como uma estratégia formativa com potencial para articular conhecimentos acadêmicos e práticas sociais, contribuindo para a inclusão e transformação social. Esse artigo traz uma análise da extensão universitária no EaD, por meio de revisão bibliográfica, documental, a fim de contribuir para o debate sobre esse assunto na formação discente.

1.1. A extensão universitária em outras partes do mundo

As propostas extensionistas brasileiras podem ser comparadas às práticas oferecidas por outras universidades ao redor do mundo, envolvendo cursos EaD. As atividades de extensão universitária em outros países refletem características culturais, econômicas e históricas específicas. Os exemplos apresentados a seguir demonstram semelhanças e diferenças entre a extensão no âmbito internacional e as práticas nacionais descritas ao longo desse artigo.

Nos Estados Unidos, as atividades extensionistas estão enraizadas no conceito de Land-Grant Universities, com programas focados em questões práticas e comunitárias, que apoiam o desenvolvimento econômico local e a inovação tecnológica. A cooperação com empresas e ONGs é frequente, reforçando o papel da universidade como catalisador de mudanças sociais e econômicas (Gavazzi, 2020). O sistema de *Extension Services*, presente em universidades como as da Califórnia e do Michigan, oferece desde capacitação até consultorias para pequenos negócios, traduzindo pesquisas em soluções para problemas locais. Na Alemanha, a extensão está vinculada ao modelo de universidades de pesquisa, com orientação para a cooperação com a indústria e projetos de inovação tecnológica. Este enfoque reflete uma economia baseada na manufatura e ciências aplicadas. As universidades alemãs promovem parcerias para desenvolver

tecnologias em colaboração com institutos de pesquisa, transferindo conhecimento ao setor produtivo e contribuindo para o desenvolvimento econômico do país (Technical University of Munich, 2024).

A Finlândia se destaca pelo compromisso com a educação contínua e o desenvolvimento comunitário, oferecendo cursos acessíveis para adultos e profissionais. A Universidade de Helsinque, por meio de sua unidade de Extensão e Ensino Continuado, realiza atividades educacionais voltadas à qualificação profissional e ao desenvolvimento pessoal. O país promove a cocriação entre universidades, empresas e governo como princípio fundamental. A Universidade de Oulu lidera iniciativas voltadas para soluções em bem-estar social e saúde, aplicando pesquisas acadêmicas para resolver problemas das comunidades (University of Oulu, 2024). Embora as atividades de extensão apresentem variações temáticas e metodológicas, observa-se que universidades em diferentes contextos reconhecem seu papel na articulação com a sociedade. Esta perspectiva evidencia o potencial das IES como agentes de transformação social, por meio da aplicação do conhecimento acadêmico em ações voltadas às comunidades.

2. Metodologia

Este trabalho seguiu duas linhas de pesquisa: a primeira, com dados técnicos sobre o EaD, contribuiu para contextualizar o fenômeno e orientar a discussão. A segunda, com trabalhos científicos publicados em periódicos (bibliometria), gerou achados centrais sobre a extensão no EaD. Os dados técnicos foram encontrados em sites específicos do setor, como as associações nacionais e internacionais que o representam, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Associações nacionais e internacionais relacionadas ao EaD

	Fonte	Descrição	Site
Fontes Nacionais (Brasil)	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC)	Censo da Educação Superior: matrículas, cursos EAD, polos de apoio. Microdados do Enade: avaliação de cursos EAD.	http://portal.inep.gov.br
	Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)	Censo EAD.BR: Relatórios anuais sobre o crescimento do EAD no Brasil.	https://www.abed.org.br
	Secretaria de Educação a Distância (MEC/SEED)	Políticas públicas e programas como UAB (Universidade Aberta do Brasil).	https://www.gov.br/mec
	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)	Pesquisas como PNAD Contínua (acesso à internet e educação).	https://www.ibge.gov.br

Fontes Internacionais	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)	Relatórios globais sobre educação digital e políticas de EAD.	https://en.unesco.org
	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)	Dados comparativos sobre EAD em países desenvolvidos.	https://www.oecd.org/education
	World Bank (Banco Mundial)	Tecnologia na educação e acesso ao EAD em países em desenvolvimento.	https://www.worldbank.org
	HolonIQ	Relatórios de mercado sobre tendências globais em EdTech e EAD.	https://www.holoniq.com
	Class Central	Dados sobre MOOCs (Cursos Online Abertos e Massivos) como Coursera, edX e Udemy.	https://www.classcentral.com

Fonte: Autores

Na segunda parte do estudo foi realizada uma análise bibliométrica no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), um dos maiores acervos científicos virtuais do Brasil, que disponibiliza conteúdos de milhares de periódicos e centenas de bases de dados (Portal de Periódicos da CAPES, 2020). De acordo com Silva (2016), pesquisas bibliométricas realizadas em uma única base de dados podem gerar resultados inconsistentes. O Portal de Periódicos da CAPES é uma solução, pois nele são indexadas diversas bases, concentrando os resultados em um único local. As palavras-chave utilizadas foram: “extensão universitária”, “ensino a(à) distância”, “educação a(à) distância”, “prática extensionista”, e as versões desses termos em inglês (“*university extension*”, “*distance education*”, “*distance learning*”, “*community-engaged practice*”). O uso de termos em inglês permite uma maior abrangência de resultados, já que a literatura científica é majoritariamente publicada nesse idioma.

A definição das palavras-chave baseou-se no escopo da pesquisa: ensino a distância. As combinações dos termos foram agregadas pelo operador booleano AND para recuperar um volume maior de estudos. As palavras-chave que abarcaram todos os materiais recuperados foram: “educação a(à) distância” AND “extensão” e “*distance learning*” AND “*university extension*”. Com a inserção das outras palavras, os mesmos trabalhos foram resgatados. Sobre os trabalhos recuperados, destaca-se que foram utilizados principalmente artigos científicos. Essa mesma busca, quando realizada em *sites* como o Google Scholar, retorna materiais que nem sempre têm embasamento científico. Não foram utilizados outros *softwares* especializados em mineração de dados, uma vez que o Portal de Periódicos da CAPES é uma iniciativa diferenciada do governo brasileiro voltada à pesquisa em pós-graduação. Foi utilizado o recurso “busca avançada”, de 2018 a 2025, por se tratar do período após a regulamentação da curricularização da extensão, aplicando-se como filtro o campo “assunto”, que recupera materiais com os termos no título, palavras-chave e texto. Utilizou-se a análise bibliométrica descritiva, centrada na frequência de trabalhos por tema, área e período. Não foram

empregadas técnicas complexas de mineração de textos ou redes de citação, mas sim uma abordagem descritiva-manual.

2.1. Foco temático

Alguns materiais encontrados não estão no escopo deste estudo devido ao uso da palavra “extensão” em outros contextos. Por exemplo, a pesquisa de Nóbrega, Farias e Silva (2023) emprega o termo no contexto da tríade “ensino, pesquisa e extensão”, sem contemplar atividades extensionistas. Assim, 34% dos artigos foram descartados por não fazerem parte do escopo ou por estarem duplicados. A duplicidade ocorre porque o mesmo periódico pode estar indexado em mais de uma base de dados. Sete artigos se enquadram nessa situação. Após a seleção, 104 artigos foram lidos e classificados manualmente em categorias temáticas, com base no objetivo e na contribuição do estudo. Alguns se enquadraram em mais de uma temática. Em casos de múltiplos temas optou-se pelo tema principal, conectado ao objetivo e à contribuição científica do estudo

3. Resultados e Discussão

3.1. Dados técnicos sobre o EaD no Brasil

Dados técnicos provenientes de fontes confiáveis, como as apresentadas no Quadro 1, revelam o panorama atual e as tendências do EaD. O INEP/MEC, por meio do Censo da Educação Superior, fornece informações sobre matrículas, cursos EaD e a distribuição dos polos de apoio presencial. Esses dados ajudam a compreender a expansão da modalidade, especialmente em regiões onde o ensino presencial é limitado. Os microdados do Enade permitem avaliar a qualidade dos cursos EaD, fornecendo subsídios para políticas de melhoria contínua (Ministério da Educação, 2025). A ABED disponibiliza o Censo EAD.BR, que produz relatórios anuais sobre o crescimento do EaD, o aumento da oferta de cursos e a diversificação das áreas de estudo (ABED, 2025). A Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC) contribui com programas, como a Universidade Aberta do Brasil (UAB), que democratizam o acesso ao ES por meio de parcerias com instituições públicas. Essas iniciativas reduzem as desigualdades sociais e regionais (Ministério da Educação, 2025a).

A Revista Pesquisa FAPESP também apresenta dados relevantes. Marques (2025) analisou indicadores educacionais de instituições privadas de ES, os quais revelam fragilidades estruturais e limitações no desempenho acadêmico de algumas delas (Quadro 2). O IBGE, por meio de pesquisas como a PNAD Contínua, fornece dados sobre o acesso à internet e o perfil socioeconômico dos estudantes, contribuindo para a compreensão dos desafios e possibilidades

do EaD em um país com realidades digitais tão heterogêneas (IBGE, 2025). No Quadro 2 estão consolidados os principais indicadores extraídos dessas fontes oficiais.

Quadro 2 – Síntese de dados do EaD no Brasil

INEP/MEC - Censo da Educação Superior 2023	Matrículas em EaD: 3,31 milhões (66,4% do total de matrículas no ES). Vagas EaD ofertadas: 77,2% (19.181.871) do total de vagas do ES.
ABED Censo EAD.BR 2023	Diversidade e inclusão: 70% dos cursos têm alunos pretos/pardos (os demais 30% trata-se de cursos sem informações sobre o perfil étnico-racial dos estudantes); 39%, com necessidades especiais e 19% indígenas. 22% têm financiamento. Áreas mais procuradas: Administração, Ciências Contábeis e Pedagogia.
MEC/SEED Universidade Aberta do Brasil (UAB) 2025	928 polos (777 ativos) fazem parte da UAB. Em todos os estados e no Distrito Federal, o sistema tem cerca de 170 mil estudantes matriculados. Cursos oferecidos por 133 instituições públicas de ES.
IBGE PNAD Contínua 2022	Acesso à internet: 90% têm acesso à internet, mas há desigualdades regionais. 25% citam falta de infraestrutura digital (motivo para evasão)
Revista Pesquisa FAPESP 2025	96% estão matriculados em instituições privadas, com baixa qualidade formativa. Algumas cobram mensalidades muito baixas, somente aulas gravadas e pouca interação aluno/docente. De acordo o Enade, em 2022, apenas 18% dos cursos em EaD com conceitos mais altos (4 e 5).

Fonte: Autores

Os dados técnicos evidenciam a expansão do ensino a distância no Brasil, que já responde por mais da metade das matrículas no ES. Esse cenário reforça a necessidade de políticas públicas articuladas e investimentos em infraestrutura tecnológica para assegurar padrões de qualidade e equidade no acesso. A análise dessas informações oferece subsídios para o planejamento de ações futuras no setor educacional. Persistem, entretanto, desafios estruturais, como a desigualdade no acesso digital e os elevados índices de evasão, que comprometem a efetividade do EaD.

3.2. Dados técnicos sobre o EaD no mundo

A necessidade de democratizar o acesso ao conhecimento levou o EaD a se espalhar pelo mundo. Relatórios de organizações como UrCO, a OECD e o Banco Mundial revelam um crescimento sem precedentes, mas destacam disparidades entre regiões. Segundo a HolonIQ (2025), o mercado global de EAD deve atingir US\$ 350 bilhões em 2025, com uma taxa de crescimento anual de 15%. Esse avanço é impulsionado pela popularização de plataformas como Coursera, edX e Udemy, que registraram mais de 220 milhões de matrículas, em 2023, em *Massive Open Online Course* (MOOC), ou Cursos *Online* Abertos e Massivos. Os países líderes nessa tendência são Estados Unidos e China, que respondem por 70% do mercado global, com investimentos em infraestrutura digital e parcerias entre universidades e empresas de tecnologia. As áreas mais demandadas são Tecnologia da Informação (TI), negócios e saúde. A OCDE (2025) ressalta que países como Coreia do Sul, Finlândia e Canadá lideram os avanços no

EaD, com 60% das IES oferecendo programas a distância. Esses países possuem alta penetração de internet (acima de 95%) e políticas públicas que incentivam a educação digital. Na Austrália e no Reino Unido, os programas híbridos (presenciais e on-line) atendem 40% dos estudantes. Internacionalmente, a valorização da extensão vincula-se à chamada “Terceira Missão” da universidade, que abrange os eixos social e econômico, bem como a contribuição institucional à comunidade (Compagnucci; Spigarelli, 2020).

Enquanto esse crescimento ocorre em países com melhor infraestrutura, o Banco Mundial (World Bank Group, 2025) alerta para as barreiras enfrentadas por regiões como a África Subsaariana e a Ásia do Sul, nas quais apenas 30% dos estudantes têm acesso a plataformas de EAD. Cerca de 60% da população rural em países como Nigéria e Índia não têm acesso à internet estável, e, em algumas regiões, menos de 20% dos alunos possuem computadores ou *tablets*. Mas algumas iniciativas têm surgido. Projetos como o “Digital África” (World Bank Group, 2025a) e parcerias com empresas de telecomunicações visam expandir a infraestrutura digital. A UNESCO (2025) enfatiza que políticas públicas são fundamentais para reduzir as desigualdades. Exemplos incluem o Brasil, uma vez que o MEC ampliou investimentos em universidades públicas para EAD, com crescimento de 35% nas matrículas entre 2020 e 2023, e Índia, que criou um programa visando conectar 1 bilhão de pessoas até 2025. O EAD já redefiniu a educação global, oferecendo oportunidades sem precedentes. Por outro lado, acabou expondo desigualdades entre os países. Enquanto países desenvolvidos colhem os frutos da digitalização, nações em desenvolvimento precisam de investimentos urgentes em infraestrutura e políticas inclusivas. O futuro da educação passa pela combinação de tecnologia acessível, cooperação internacional e modelos pedagógicos inovadores, um desafio que exigirá esforços coletivos para ser superado.

3.2. Análise bibliométrica

Os resultados da análise bibliométrica sobre a prática extensionista no EaD evidenciaram uma diversidade significativa de temas. Foram recuperados trabalhos que abrangem diversos assuntos, totalizando 113 materiais com as palavras-chave em português e 42 em inglês (Quadro 3).

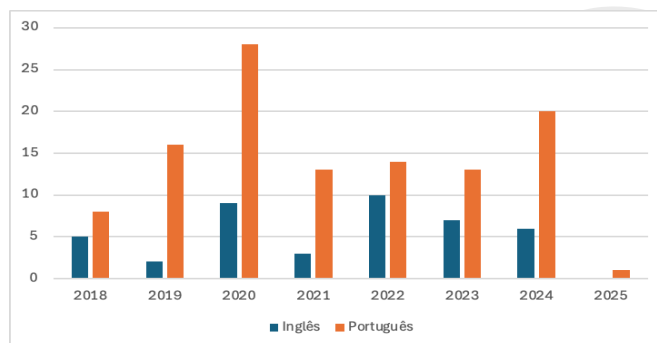
Quadro 3 – Características gerais dos trabalhos recuperados

Palavras-chave	Quantidade de trabalhos	Revisados por pares	Produção nacional	Idioma
“educação a(à) distância” AND “extensão”	113	46 – sim 67 – não	80 – sim 33 – não	111 português 2 espanhol
“distance learnig” AND “university extension”	42	33 – sim 9 – não	26 – sim 16 – não	36 inglês 1 espanhol 3 português

Fonte: Autores

Vale ressaltar que o volume de conteúdo disponível em inglês é significativamente inferior ao em português, o que contraria a tendência observada em bases de dados nacionais e internacionais (Monteiro; Moita Neto; Silva, 2018). Essa disparidade pode refletir diferenças nas abordagens de outros países, nos quais práticas similares são discutidas sob outros termos, como "*online service-learning*" ou "*community engagement*" no ensino remoto. As publicações recuperadas abrangem o período de 2018 a 2025, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Total de publicações sobre a atividade extensionista no EaD



Fonte: Autores

Em 2020, há um aumento nas produções em português, o que pode ser explicado pela regulamentação da curricularização da extensão, por meio da Resolução CNE/CES nº 7 de 2018 (Brasil, 2018). A obrigatoriedade imposta pela legislação levou as IES a se adaptarem à nova exigência, o que aumentou a produção de pesquisas nesse assunto. As quantidades de trabalhos por área em português/inglês, respectivamente, são: ciências humanas (49/19), ciências sociais aplicadas (49/4); ciências exatas e da terra (24/4); linguística, letras e artes (9/1); multidisciplinar (8/4); ciências da saúde (7/13); ciências biológicas (1/16); e engenharias (1/3). Vale mencionar que um artigo pode estar enquadrado em mais de uma área. No Quadro 4, apresentam-se os resultados da quantidade de estudos recuperados por tema.

Quadro 4 – Quantidade de estudos por tema principal

Palavra-chave	Tema principal	Total	Palavra-chave	Tema principal	Total
ensino a(à) distância AND extensão	Formação docente	22	Distance education AND University extension	Educação	7
	Ferramentas digitais	15		Ferramentas digitais	6
	Educação	10		Saúde	5
	Eventos acadêmicos	5		Formação docente	3
	Saúde	5		Idosos	1
	Educação ambiental	4		Ciência da informação	1
	Comunicação	3		Nutrição	1
	Idosos	2		Agricultura	1
	Química	2		Fora do escopo*	17
	Agroecologia	1			
Assistência social	1				

	Medicina Nuclear	1		
	Música	1		
	Psicobiologia	1		
	Veterinária	1		
	Repetidos*	7		
	Fora do escopo*	34		

Fonte: Autores

* Os materiais repetidos e fora do escopo não foram considerados na análise.

A maioria dos artigos referentes às palavras-chave “educação a(à) distância” AND “extensão” trata da relação entre a atividade extensionista e a formação docente (22), o uso de tecnologias ou recursos digitais (15) e como a extensão pode ser utilizada no processo educacional (10). No caso das palavras-chave “distance education” AND “extension”, a busca trouxe muitos materiais fora do escopo (40% do total recuperado). A maioria dos trabalhos que não se enquadraram no objetivo da pesquisa abordou a extensão universitária fora do contexto do EaD. Mesmo utilizando a palavra-chave “distance education”, os resultados não foram precisos. Os estudos foram agrupados em quatro categorias: (1) formação docente e práticas pedagógicas; (2) uso de tecnologias digitais; (3) saúde, educação ambiental e outros temas transversais; e (4) desafios e lacunas. Essas categorias organizam os conteúdos dos trabalhos de forma lógica, equilibrando teoria, dados empíricos, análise temática e reflexão crítica, além de alinharem-se ao objetivo do artigo, que é explorar a extensão no EaD como ferramenta de impacto social.

3.2.1. Formação docente e práticas pedagógicas

A curricularização da extensão requer que os docentes superem o modelo tradicional de ensino, adotando metodologias ativas para promover a interação universidade-sociedade. Contudo, Telles (2023) observa que muitas instituições ainda priorizam habilidades técnicas em detrimento de competências pedagógicas inovadoras, essenciais à extensão. O EaD apresenta desafios como a falta de familiaridade dos professores com tecnologias educacionais, como AVAs e estratégias de engajamento remoto (Casagrande, 2020). Outra dificuldade reside em articular teoria e prática, o que exige um planejamento pedagógico cuidadoso para aplicar conhecimentos em contextos reais (Santos, 2024). A carência de incentivos institucionais e políticas de formação continuada também limita a adoção de práticas inovadoras (Almeida; Corradi; Moreira, 2020).

O uso de metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos (ABP), permite que os alunos desenvolvam soluções às demandas reais das comunidades. As plataformas digitais podem ser utilizadas para promover debates e parcerias (Oliveira *et al.*, 2024). Esse processo exige uma mudança no modelo pedagógico tradicional, pois a simples inclusão de atividades de extensão no currículo não é suficiente. É necessário que os docentes adotem metodologias ativas e essa adoção depende de formação pedagógica, planejamento, uso adequado de tecnologias educacionais e apoio institucional. A relação entre as metodologias ativas e as

atividades de extensão é direta e estrutural. As metodologias ativas são meios pedagógicos para viabilizar a extensão, pois favorecem o protagonismo discente, permitem a aplicação do conhecimento acadêmico em contextos reais, promovem interação, diálogo e engajamento social, elementos essenciais da extensão. Por exemplo, a ABP é uma metodologia que possibilita aos estudantes desenvolverem soluções para problemas concretos das comunidades, alinhando-se plenamente aos princípios da extensão universitária (Oliveira *et al.*, 2024).

As metodologias ativas são instrumentos pedagógicos utilizados para estruturar e executar ações extensionistas, contribuindo para superar a “distância transacional” no EaD, promovendo engajamento dos alunos (Moore, 2008). Gavazzi (2020) afirma que a formação continuada ajuda os docentes a integrar atividades práticas às disciplinas. Parcerias interinstitucionais com ONGs, empresas e órgãos públicos ampliam o impacto social dos projetos, conforme proposto pelo sistema norte-americano de *Extension Services*. Slodkowski *et al.* (2024) mapearam estratégias pedagógicas aplicadas em curso de extensão para a construção de competências socioafetivas no EaD, como resiliência, engajamento social, abertura ao novo, empatia e autogestão, a fim de lidar melhor com a falta de interação presencial. Os autores descrevem um curso de extensão que utiliza estratégias pedagógicas ativas para desenvolver competências socioafetivas, o que mostra que, as atividades de extensão podem ser desenvolvidas por meio das metodologias ativas. Segundo Moore (2008), no EaD há uma “distância transacional” decorrente da separação entre professores e alunos. Essa distância não é meramente geográfica, mas também educacional e psicológica, e deve ser mitigada por estratégias pedagógicas que promovam diálogo e a empatia.

3.2.2. Uso das tecnologias digitais

O uso de tecnologias digitais é imprescindível no EaD, uma vez que AVAs, como Moodle, Canvas, Google *Classroom*, e plataformas de Cursos *Online* Abertos e Massivos (MOOCs), como Coursera e edX, facilitam a interação entre universidade e alunos, em contextos remotos. Essas tecnologias ajudam a ampliar o acesso às atividades extensionistas e a promover práticas pedagógicas inovadoras e colaborativas. Casagrande (2020) destaca que a cultura digital transformou a extensão universitária, possibilitando a realização de palestras, oficinas e projetos colaborativos em tempo real, mesmo quando os participantes estão geograficamente distantes. Oliveira *et al.* (2024) corroboram essa visão, enfatizando que os AVAs permitem a troca de conhecimentos e a resolução de problemas locais de forma dinâmica e participativa, facilitando a articulação entre teoria e prática, ao integrar conteúdos acadêmicos com demandas reais das comunidades.

No entanto, o uso eficaz dessas tecnologias requer competências digitais específicas por parte de docentes e discentes. Machado, Biléssimo e Silva (2021) identificaram cinco competências essenciais para o ensino remoto: uso básico de computadores ou dispositivos móveis, domínio de AVAs, comunicação por videoconferência, cooperação em ambientes virtuais e produção de material digital. A falta de familiaridade com essas ferramentas pode ser uma barreira,

especialmente em regiões com infraestrutura digital limitada. Assim, é fundamental investir na capacitação docente e em políticas de inclusão digital. Gavazzi (2020) ressalta que universidades norte-americanas têm obtido sucesso ao integrar tecnologias digitais em seus programas de extensão, oferecendo treinamentos e parcerias com empresas de tecnologia. No contexto brasileiro, iniciativas como a Universidade Aberta do Brasil (UAB) demonstram o potencial das tecnologias digitais para democratizar o acesso à extensão universitária.

Adem, Çakit e Dagdeviren (2022) enfatizam que os critérios que afetam a seleção das melhores plataformas digitais são aqueles referentes à interação humano-computador, que incluem facilidade de uso e contribuição para a carga de trabalho mental. O uso estratégico das tecnologias digitais, aliado a políticas de capacitação e inclusão, pode transformar a relação entre universidade e sociedade, promovendo uma educação mais acessível, inovadora e socialmente comprometida.

É importante ressaltar que a extensão obrigatória na graduação, prevista nas diretrizes nacionais que determinam a integralização mínima de 10% da carga horária dos cursos, caracteriza-se por seu caráter formativo, curricular e indissociável do ensino e da pesquisa. Trata-se de atividades planejadas no projeto pedagógico do curso, com objetivos educacionais claros, avaliação acadêmica e acompanhamento docente, voltadas à interação transformadora entre a instituição de ensino superior e a sociedade. A participação é obrigatória para a integralização do curso, o que reforça o compromisso institucional e pedagógico com o impacto social das ações desenvolvidas.

Por outro lado, outras modalidades de oferta, como os MOOCs, possuem natureza não curricular e não obrigatória, sendo voltadas principalmente à difusão de conhecimentos específicos e à formação continuada. Os MOOCs são, em geral, abertos ao público, de curta duração e com foco na transmissão de conteúdos, ainda que possam incorporar metodologias ativas e atividades práticas. Diferentemente da extensão curricular obrigatória, eles não exigem, necessariamente, a articulação sistemática com demandas sociais locais nem a mediação contínua de projetos junto a comunidades. Assim, embora os MOOCs possam complementar a formação acadêmica e ampliar o acesso ao conhecimento, eles não substituem a extensão obrigatória na graduação, que pressupõe vínculo institucional, avaliação pedagógica, impacto social monitorado e integração efetiva entre universidade e sociedade (Gavazzi, 2020).

3.2.3. Saúde, educação ambiental e outros temas transversais

A extensão universitária no EaD tem sido um campo fértil para abordar temas transversais, como saúde, educação ambiental e outras questões sociais. No campo da saúde, projetos extensionistas em EaD têm sido utilizados para criar iniciativas sobre saúde pública, nutrição, saúde bucal e bem-estar, alcançando populações em regiões remotas, onde o acesso a serviços básicos é limitado (Boehm *et al.* 2024). Slodkowski *et al.* (2024) destacam as estratégias

socioafetivas, como empatia e resiliência, mostrando como a extensão pode adaptar-se às necessidades de diferentes grupos.

A educação ambiental está presente em projetos que incentivam a sustentabilidade e a conscientização ecológica por meio de atividades extensionistas, permitindo que estudantes e comunidades discutam questões como mudanças climáticas, gestão de resíduos e conservação da biodiversidade (Monteiro *et al.* 2023). Outros temas transversais, como inclusão social, assistência social, música, também são abordados em projetos extensionistas. A flexibilidade do EaD permite o desenvolvimento de programas acessíveis a grupos marginalizados, como pessoas com deficiência, comunidades indígenas e populações de baixa renda (Porras; Albores; Cuervo, 2025).

A integração de ferramentas digitais, como *podcasts*, vídeos e fóruns de discussão, facilita a disseminação de conhecimento e o engajamento comunitário. Dessa forma, fica evidente que a prática extensionista reduz a distância entre o mundo acadêmico e a comunidade, entre o conhecimento científico e popular (Mendes; Minghelli; De Mari, 2023). Essas iniciativas reforçam o papel transformador da IES ao promover a formação acadêmica aliada à prática.

3.2.4. Desafios e lacunas

Apesar do crescimento e do potencial da extensão universitária no EaD, diversos desafios e lacunas ainda precisam ser superados para garantir sua efetividade e amplo impacto social. Os principais obstáculos estão descritos no Quadro 5.

Quadro 5 – Desafios da atividade extensionista no EaD

Desafio	Descrição	Fonte
Evasão	Problema influenciado por falta de motivação, dificuldades de adaptação e ausência de interação presencial, que desafia o engajamento em atividades extensionistas práticas.	Paes <i>et al.</i> (2024)
Infraestrutura digital	O acesso limitado à internet e a falta de dispositivos adequados, principalmente em regiões periféricas e rurais, excluem parte da população das iniciativas extensionistas.	Adem, Çakit e Dagdeviren (2022)
Capacitação docente e discente	A falta de formação específica para extensão no ambiente virtual, incluindo domínio de ferramentas digitais e metodologias ativas, compromete a qualidade das atividades.	Machado, Biléssimo e Silva (2021)
Integração entre teoria e prática	Articular conhecimentos com demandas reais exige planejamento. A desconexão entre objetivos extensionistas e necessidades locais reduz o impacto social das ações.	Ducatti e Cazane (2024)
Reconhecimento institucional	A extensão é frequentemente subvalorizada frente ao ensino e pesquisa, com falta de incentivos financeiros e políticas claras para o EaD, dificultando sua consolidação institucional.	Santos (2024)

Fonte: Autores

A expansão da extensão universitária no EaD evidencia seu potencial democratizador, mas também explicita desafios estruturais e pedagógicos que comprometem sua efetividade. A evasão discente, apontada por Paes *et al.* (2024), revela-se um dos entraves mais importantes, pois a ausência de interação presencial, aliada a dificuldades de adaptação ao ensino remoto, fragiliza o engajamento em atividades extensionistas que exigem participação ativa e continuidade. Esse cenário é agravado pelas limitações de infraestrutura digital, sobretudo em regiões periféricas e rurais, onde o acesso restrito à internet e a dispositivos adequados exclui parcelas significativas da população das ações extensionistas, como destacam Adem, Çakit e Dagdeviren (2022).

Somam-se a isso a insuficiente capacitação docente e discente para atuar na extensão em ambientes virtuais, uma vez que, conforme Machado, Biléssimo e Silva (2021), a falta de domínio de ferramentas digitais e de metodologias ativas compromete a qualidade pedagógica e a capacidade de articulação com demandas sociais reais. Outro desafio refere-se à integração entre teoria e prática, aspecto essencial à extensão universitária e particularmente complexo no EaD. Ducatti e Cazane (2024) ressaltam que a desconexão entre os objetivos acadêmicos e as necessidades concretas das comunidades pode reduzir o impacto social das ações extensionistas, evidenciando a necessidade de um planejamento pedagógico mais alinhado ao contexto local.

Além disso, o reconhecimento institucional insuficiente da extensão, apontado por Santos (2024), contribui para sua subvalorização frente ao ensino e à pesquisa, refletindo-se na ausência de incentivos financeiros, políticas claras e modelos pedagógicos específicos para o EaD. Essas lacunas também se manifestam na escassez de estudos que avaliem os impactos de longo prazo dos projetos extensionistas e no monitoramento limitado da participação de comunidades vulneráveis. Nesse sentido, o fortalecimento de políticas de inclusão digital, a formação continuada em metodologias ativas e a construção de mecanismos sistemáticos de avaliação do impacto social, aliados a parcerias entre IES e organizações locais, mostram-se como possíveis soluções para consolidar a extensão universitária no EaD como instrumento efetivo de transformação social e democratização do conhecimento.

Manter o vínculo comunitário e a escuta ativa na extensão mediada por tecnologias digitais representa um desafio, pois a virtualização das interações tende a enfraquecer a proximidade humana, o contato direto com as realidades locais e a construção de relações baseadas na confiança mútua. No contexto do EaD, há o risco de reduzir a extensão a ações meramente informativas, como a oferta de cursos e materiais online, esvaziando seu caráter dialógico, participativo e transformador. Além disso, desigualdades no acesso às tecnologias, limitações na comunicação mediada por telas e a baixa interação síncrona podem comprometer a escuta sensível das demandas sociais. Superar esses desafios exige o desenvolvimento de estratégias que promovam a participação ativa, o diálogo contínuo e a valorização dos saberes

comunitários, garantindo que as tecnologias sejam instrumentos de aproximação, e não de distanciamento, entre universidade e sociedade (Ducatti; Cazane, 2024; Paes *et al.*, 2024).

Portanto, foi observado que poucos estudos avaliam o impacto de longo prazo dos projetos extensionistas EaD, há carência de modelos pedagógicos específicos para extensão em AVAs, a participação de comunidades vulneráveis nem sempre é monitorada. Para superar esses desafios, sugere-se investir em políticas de inclusão digital e em infraestrutura tecnológica, fortalecer a formação continuada em metodologias ativas e ferramentas digitais, além de criar mecanismos de avaliação que mensurem o impacto social da extensão EaD. Ademais, é necessário fomentar parcerias entre IES e organizações locais para garantir, aos alunos, espaços para projetos de extensão. A superação desses desafios contribui para que a extensão universitária no EaD cumpra seu papel como instrumento de transformação social e democratização do conhecimento.

4. Conclusão

A extensão universitária no EaD é uma estratégia relevante de inserção social, pois supera barreiras geográficas e democratiza o conhecimento. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão permite às Instituições de Ensino Superior (IES) cumprirem seu papel social, formando profissionais com visão crítica e atuação engajada. Os resultados indicam que, mesmo com desafios estruturais e pedagógicos, as ações extensionistas no EaD têm efeitos positivos na qualificação docente e no fortalecimento de iniciativas comunitárias. Este cenário reforça a necessidade de políticas públicas que sustentem tais práticas. Para alcançar seu potencial, é preciso enfrentar lacunas como a evasão, as desigualdades no acesso ao digital e a limitada valorização institucional. Investimentos em infraestrutura tecnológica, formação docente e metodologias adequadas ao virtual são fundamentais.

Este artigo contribui para sistematizar um volume expressivo de dados dispersos, organizando-os de forma lógica e didática. Pesquisas futuras devem propor metodologias para mensurar o impacto social e acadêmico da extensão, com foco em estudos longitudinais. Sugere-se explorar modelos híbridos que integrem tecnologias, como a realidade virtual, e investigar estratégias para reduzir a evasão e engajar as populações vulneráveis. Estudos comparativos internacionais podem aprofundar a compreensão das melhores práticas, enquanto o desenvolvimento de indicadores padronizados de avaliação contribui para consolidar a extensão como componente transformador do ensino superior.

Referências Bibliográficas

ADEM, A.; ÇAKIT, E.; DAGDEVIREN, M. Selection of suitable distance education platforms based on human-computer interaction criteria under fuzzy environment. **Neural Computing and Applications**, v. 34, p.7919-7931, 2022.

ALMEIDA, A. C. C.; CORRADI, W.; MOREIRA, M. G. Extensão Universitária na EaD: além das fronteiras físicas da universidade. **EmRede**, v. 7, n. 2, p. 130-144, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – ABED. **Censo EAD.BR**. 2025. Disponível em: <https://www.abed.org.br/site/> Acesso em: 23 abr. 2025.

BOEHM, T. K.; *et al.* Applying the Extension for Community Health Outcomes model in distance dental continuing education. **Dental Education**, v. 88, p. 1783-1785, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP 4/2024**. Diário Oficial da União, Brasília, 29 de maio de 2024, Seção 1, p. 26. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-4-de-29-de-maio-de-2024-563084558> Acesso em: 05 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES 7/2018**. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, p. 49-50. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808 Acesso em: 18 out. 2024.

CASAGRANDE, A. L. Extensão universitária e práticas pedagógicas na escola da cultura digital: uma experiência. **Revista UFG**, v. 20, n. 26, p. 1-19, 2020.

COMPAGNUCCI, L.; SPIGARELLI, F. The Third Mission of the university: a systematic literature review on potentials and constraints. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 161, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0040162520311100> Acesso em: 10 jul. 2025.

DUCATTI, A. P. S.; CAZANE, A. L. Percepção sobre método que integra curricularização da extensão e presencialidade nos cursos superiores EAD. **Revista EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 13, n. 15, p. 111-123, 2024.

GAVAZZI, S. M. The land-grant mission in the 21st century: promises made and promises to be kept. **Animal Frontiers**, v. 10, n. 3, p. 6–9, 2020.

HoloniQ. **Plataform Insights**. 2025. Disponível em: <https://www.holoniq.com> Acesso em: 25 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html> Acesso em: 24 abr. 2025.

IMPERATORE, S. L. B. Aprendizados em Projetos de Extensão Universitária sob a Perspectiva de Acadêmicos de Cursos EAD. **EaD em Foco**, v. 10, p. 1-11, 2020.

MACHADO, L. R.; BILÉSSIMO, S. M. S.; SILVA, J. B. Competências digitais no ensino remoto: novos desafios para formação docente. **TEAR: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, v. 10, n. 2, p. 1-22, 2021.

MARQUES, F. **Educação a distância avança no setor privado e predomina nas licenciaturas**: expansão vigorosa e desordenada de cursos de graduação de EaD no Brasil expõe o potencial e as fragilidades do modelo. Revista Pesquisa FAPESP. 2025. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/educacao-a-distancia-avanca-no-setor-privado-e-predomina-nas-licenciaturas/> Acesso em: 11 jul. 2025.

MENDES, E. L.; MINGHELLI, M.; DE MARI, C. L. University Extension in Information Science: a critical participatory approach. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.21, p. 1-16, 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo da educação superior 2023**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior-2023> Acesso em: 22 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br> Acesso em: 22 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Universidade Aberta do Brasil – UAB**. 2025a. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-a-distancia/universidade-aberta-do-brasil> Acesso em: 23 abr. 2025.

MONTEIRO, N. B. R.; MOITA NETO, J. M.; SILVA, E. A. Bibliometric study of the crushed stone mining sector. **Mineral Processing and Extractive Metallurgy Review**, v. 39, p. 235-249, 2018.

MONTEIRO, N. B. R.; *et al.* Implantação da atividade extensionista no curso tecnológico em logística. In: 28º Congresso Internacional de Educação a Distância 2023, 2023, Rio de Janeiro. **Anais do 28º Congresso Internacional de Educação a Distância 2023**. Campinas: Galoá, 2023. v. 1. p. 1-5.

MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.abed.net.br/RBAAD/article/view/111>. Acesso em: 10 jul. 2025.

NÓBREGA, P. P.; FARIAS G. B.; SILVA, A. S. R. Atuação dos bibliotecários na educação a distância em universidades brasileiras. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 17, p. 1-32, 2023.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – OCDE. **Data Insights**. 2025. Disponível em: <https://www.oecd.org/en.html> Acesso em: 25 abr. 2025.

OLIVEIRA, P. B. *et al.* Os desafios da extensão universitária a distância: uma análise a partir de um projeto de tutoria realizado em uma escola pública estadual. **Experiência – Revista Científica de Extensão**, v. 10, n. 1, p. 1-26, 2024.

PAES, F. N. dos S. *et al.* Fortalecendo as competências do estudante da EaD: uma possibilidade da redução de evasão em um curso da educação profissional e tecnológica. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 12, n. 2, p. 4122-4134, 2024.

PORRAS, V. D. C. A.; ALBORES, I. A.; CUERVO, S. A. C. Practical dimensions of the metaverse in distance education: case study with indigenous students from a community in Mexico. **Turkish Online Journal of Distance Education**, v. 26, n. 1, p. 193-203, 2025.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES. Quem somos. 2020. Disponível em:
<http://www.periodicos.capes.gov.br> Acesso em: 20 abr. 2025.

SANTOS, A. B. A curricularização da extensão universitária a partir do plano nacional de Educação do Brasil: dificuldades e possibilidades. Braga: Universidade do Minho, 2024. p.1-7. (Tese de Doutorado em Ciências da Educação. Especialidade de Desenvolvimento Curricular.)

SILVA, E. A., 2016, Produção Brasileira ‘Visível’ em Avaliação do ciclo de vida. In: V Congresso Brasileiro em Gestão do Ciclo de Vida, Fortaleza: **Anais.Fortaleza**. p. 335–341.

SLODKOWSKI B. K. *et al.* Competências socioafetivas na EaD: a construção de filmes em *stop motion* por idosos. **Educação Temática Digital**, v. 26, p. 1-17, 2024.

TECHNICAL UNIVERSITY OF MUNICH (TUM). **Research and industry projects at iwb**. 2024. Disponível em: <https://www.mec.ed.tum.de/en/iwb/research-and-industry/> Acesso em: 17 out. 2024.

TELLES, T. C. K. As escolas de negócios, na geração de inovação e competências gerenciais complexas em tempos de internacionalização. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n.1, p. 2151-2162, 2023.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION – UNESCO. **Publication**. 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/en> Acesso em: 23 abr. 2025.

UNIVERSITY OF HELSINKI. **Innovations and Entrepreneurship**.2024. Disponível em:
<https://www.helsinki.fi/en/innovations-and-cooperation/innovations-and-entrepreneurship>
Acesso em: 17 out. 2024.

UNIVERSITY OF OULU. **Cooperation** – The university is a versatile partner. 2024. Disponível em:
<https://www oulu.fi/en/cooperation> Acesso em: 17 out. 2024.

VOLANTE, E. A. C.; ANDRADE, A. A. V. Evolução do conceito da extensão universitária no Brasil e sua inserção nas normativas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. **Revista Conexão UEPG**, v. 20, n. 1, p. 1-19, 2024.

WORLD BANK GROUP. **Trending Data**. 2025. Disponível em:
<https://www.worldbank.org/ext/en/home> Acesso em: 24 abr. 2025.

WORLD BANK GROUP. **The Digital Economy for Africa Initiative**. 2025a. Disponível em:
https://www-worldbank-org.translate.goog/en/programs/all-africa-digital-transformation? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt& x tr_pto=tc Acesso em: 24 abr. 2025.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

ABNT: MONTEIRO, N. B. R. *et al.* Extensão Universitária no Ensino a Distância: Integração, Desafios e Impacto Social. **EaD em Foco**, v. 16, n.1, e2722, 2026. doi:
<https://doi.org/10.18264/eadf.v16i1.2722>